

Agora é tudo ou nada

ROGÉRIO COELHO NETO

As recentes pesquisas do Gallup e do Datafolha, estreitando a vantagem do candidato do PRN, Fernando Collor, sobre o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, não parecem servir de parâmetro para as equipes que trabalham na retaguarda das duas campanhas. Tanto os partidários de Collor como os de Lula aguardam, com expectativa, a pesquisa do Ibope, que será conhecida logo mais à noite. O que o Ibope revelar, na abrangência de mais uma amostragem que alcança 3.500 eleitores em 260 cidades, é que poderá determinar mudanças fundamentais nos últimos movimentos eleitorais do PRN e do PT.

Nas últimas horas, os boatos deram o tom à cena sucessória. Um deles envolvia, aliás, o Ibope e o Palácio do Planalto. Dava conta de uma pesquisa que o presidente José Sarney teria encomendado, com pedido de projeção, para saber o que vai acontecer no domingo. Esse boato, que nasceu em Brasília, acabou ganhando todo o País. No Rio, o diretor-executivo do Ibope, Carlos Augusto Montenegro, desmentiu a encomenda palaciana e definiu, numa única frase, o que pensa, neste instante, da sucessão: "O Collor ainda é o favorito. Mas daqui para a frente a eleição pode cair no terreno plebiscitário."

Montenegro, ao considerar plebiscitária a eleição, quer dizer, em linhas gerais, que a sorte está lançada. Uma frase, um gesto, enfim, uma atitude não muito bem interpretada pode significar o fracasso ou a glória para Collor ou Lula. O debate de depois de amanhã, que parecia fadado a cair no limbo, vira, por isso mesmo, no instante em que tudo pode ser feito, peça de grande importância

neste epílogo do presente processo eleitoral.

A pesquisa do Ibope, hoje, vai mostrar um Lula com grande poder de fogo nos dois Estados cativos da liderança do ex-governador Leonel Brizola. Fora o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul, capturados pelo PT, o candidato do PRN ganha, na soma entre capital e interior, nos demais Estados. No Distrito Federal, a disputa está igual, mano a mano. Sabe-se que Lula cresceu na Capital paulista e em sua periferia, mas Collor, no cômputo geral dos votos de todos os municípios de São Paulo, leva uma vantagem de cerca de dez pontos percentuais.

Collor cresceu um pouco, depois da semana de muitos baixos do seu programa de televisão no horário gratuito do TSE, em algumas capitais do Nordeste. Mantém a supremacia no Paraná e, com isso, recuperou parte dos pontos perdidos na Região Sul, onde, por força da grande alavancagem da sua candidatura em terras gaúchas, Lula havia tomado a dianteira e ameaçado abrir muitos corpos de luz.

A estratégia de Lula, agora mais nítida, é a de manter Collor como prisioneiro de sua ativa militância. No Rio de Janeiro,

essa tática foi usada, pela primeira vez, em 1982, pelo PDT. A partir da tomada da Cinelândia, que virou até Brizolândia, os pedetistas cariocas afastaram o PMDB das ruas e ajudaram Brizola, pela intimidação consentida dos peemedebistas que obedeciam à liderança do então governador Chagas Freitas e do deputado federal Miro Teixeira (hoje no PDT) a ganhar sua primeira eleição depois da volta do exílio.

**A vantagem
de Collor
é de
oito milhões
de votos**

Agora mesmo, em Brasília, o PRN foi impedido por petistas de fazer uma manifestação de frente do próprio comitê central de seu candidato. Na campanha do primeiro turno, além do PT, também o PDT procurou criar uma espécie de cinturão em torno de Collor. Com um jeitinho aqui, outro ali, essa situação, na fase inicial da eleição, ainda foi contornada na maioria das vezes. Na campanha pelo segundo turno, porém, esse cerco petista ao PRN só cresceu.

Sem encontrar meios para furar o bloqueio do PT nas ruas, Collor realizou poucas manifestações de vulto a céu aberto e não ofereceu, por isso mesmo, grande material visual para a produção de seus programas na televisão. Voltando, porém, à análise das intenções de voto, sabe-se que Lula mantém 25 pontos percentuais à frente de Collor no Rio Grande do Sul e mais de 40 no Rio de Janeiro. A vantagem do candidato do PRN, País afora, é, no entanto, de quase oito milhões de votos.

Collor, depois da crise que se abateu sobre sua produção, mudou toda a linha dos programas de TV que cabem ao PRN no horário do TSE. Mais agressivo, o ex-governador de Alagoas resolveu levar a campanha, na sua reta final, para o campo ideológico. Essa mudança, em si, faz prever um duelo de gigantes entre Collor e Lula, quinta-feira, no segundo e último debate em pool de emissoras de televisão, que será gerado de São Paulo. O debate, que poderia não ter grande importância para o candidato do PRN, se ele mantivesse a vantagem de quase 11 pontos percentuais com que saltou à frente de Lula no segundo turno, assume agora caráter de decisão. É que não haverá, em caso de qualquer vacilo, tempo útil para a devida correção de rumos.

Rogério Coelho Neto é jornalista